



# O Suor do Trabalhador

MESQUITA NETO

O pequeno lavrador é explorado miseravelmente pelos que adquirem seus produtos para revenda, pois a inconsciência destes chega ao cúmulo do absurdo. Não tendo outro trabalho senão o de movimentar algum dinheiro e passar os gêneros ao consumidor, o barraqueiro inconsciente explora quem lhe compram, e o faz, muita vez, com uma «coragem» incrível. Contaram-nos ontem, nesta redação, que um lavrador viera vender uns pimentões, trezentos, num de nossos mercados, aproveitando, para o transporte, uma condução graciosa, e precisa regressar a casa no mesmo veículo, logo que o proprietário deste se despachasse. Estava combinando o preço da venda quando foi avisado por aquele de que o carro estava de partida. Pedira Cr\$ 150,00 pelo cento da solanácea. O comprador em perspectiva oferecera-lhe Cr\$... 60,00. Ele achou muito pouco, mas o dono do caminhão estava com pressa, não havia tempo a perder. Em vista disso, o lavrador não teve outro jeito senão entregar os frutos pelo que se lhe oferecia, sessenta cruzeiros o cento — sessenta centavos um pimentão.

Até aí está tudo muito bem, mas o pior, o absurdo vem agora: assim que acabava de pagar os 180 cruzeiros dos três centos, apareceu, na banca, um freguês que logo pegando um pimentão e perguntando quanto custava. «Cinco cruzeiros», respondeu sem pestanejar, o banqueiro. Ganhava assim, Cr\$.. 4,40 em cada fruto.

O pobre lavrador prepara a terra, adquire semente, planta e dedica os cuidados precisos à lavoura até colher os frutos para levá-los ao mercado esperando uma compensação aos seus grandes esforços, mas aí se desanima, o preço não paga a trabalhadeira que teve. Entrega-se ao desânimo, ao desespero, mas não tem para quem apelar, o jeito é continuar a ser explorado (para não dizer roubado).

Certa vez, no interior, tivemos conhecimento de um caso que vale a pena recordar agora. Um lavrador colhera 80 sacos de feijão e fôra ao comércio oferecê-los. Encontrou desinteresse daqueles a quem se dirigia; alguns propunham preço irrisório. Para sua felicidade, não estava «apertado» como o dos pimentões. Dirigiu-se a um município vizinho, onde, com a maior facilidade vendeu tudo com vantagem sobre o que pretendia. Interessante é que no mercado local havia falta de feijão e foi preciso importa-lo da praça onde aquele fôra vendido, e o lavrador gozou bastante com o caso porque verificou

ser adquirido, pelos que se recusaram a comprar em sua mão, por preço superior ao de sua oferta.

Mas não é somente no Espírito Santo que isso acontece. No vizinho Estado do Rio é a mesma triste história. Os produtores de hortaliças que fornecem ao mercado do Distrito Federal são explorados do mesmo jeito.

Todos se queixam da escassez de gêneros da lavoura e pecuária, mas não é porque não haja vontade de produzir. O homem do campo quer trabalhar, mas desanima ante os prejuízos de que é vítima. Não há compensação para sua cansa. O revendedor é que tem lucros fabulosos à custa de seu suor.

O caso dos pimentões é um exemplo fríante de roubo, comprar por sessenta centavos e vender imediatamente por cinco cruzeiros.

E fala-se que o homem do campo não quer trabalhar a terra dadivosa. Trabalhar como? Para engordar os inconscientes do Mercado? É por isso que muitos abandonam os campos e vêm para a cidade à procura de qualquer serviço porque, pior trabalho que o da lavoura não pode haver. É de admirar que ainda haja quem tenha coragem de permanecer no campo «trabalhando para heréu».

Transcrito de «A Gazeta» de 31-3-59

*Para ser um voluntário da Campanha de Educação de adolescentes e Adultos não é preciso conhecer pedagogia profunda, porquanto toda uma estrutura programática já existe à espera do Voluntário que vem a seu encontro. Procure a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.*



# O LEITE É UMA VACINA EXTRAORDINÁRIA

Do Livro «Se a Criança Votasse...»  
Dr. JOLINDO MARTINS

Aquêles que nos honram com a leitura destes artigos de vulgarização de conhecimentos de puericultura, por certo já ouviram falar em cegueira noturna ou, como a chamam os médicos, a hemeralopia.

É uma "doença" caracterizada pela ausência da visão, que surge depois que o sol se põe, isto é, à noite.

Como todos hão de estar lembrados, essa doença atinge quase exclusivamente crianças, e entre estas, apenas as que têm um regime alimentar pobre em vitamina A; como esta vitamina é introduzida no organismo com a ingestão de gorduras e principalmente com manteiga, acontece que toda vez que a criança passa muito tempo sem fazer uso desse alimento ou do leite, a cegueira noturna pode aparecer.

Diagnosticada no início a "Doença" cede com toda facilidade, curando-se com a introdução da manteiga e do leite no regime alimentar, ou então com algumas gotas diárias de óleo de fígado de bacalhau, ou do nosso mais conhecido cação.

Se, pelo contrário, esta providência não é tomada, as lesões do globo ocular se agravam cada vez mais, até que o olho perde o brilho natural, perfura-se e destroi-se por completo. A cegueira, então deixa de ser apenas noturna, para ser permanente, durante todos os anos de vida que restarem a essa desgraçada criança.

Verifica-se, portanto, que não é causada por algum fator maléfico, algum micróbio, mas sim pela falta de alguma coisa na alimentação; e essa alguma coisa é a vitamina A

existente na manteiga e, portanto, no leite.

Se não é uma infecção, isto é, moléstia causada por micróbios, é claro que não pode existir para ela uma vacina preventiva.

Em sentido figurado, entretanto, pode-se e deve-se dizer, que a melhor vacina preventiva contra a cegueira noturna é o uso diário do leite.

Além de prevenir a cegueira, o leite é o alimento mais completo e mais digerível, servindo também de vacina contra a mais desumana, a mais antipatriótica e a mais generalizada das doenças de nossa infância, que é a desnutrição infantil, causa de 60 por cento ou 70 por cento dos internamentos nos hospitais de crianças.

Tornar o leite um alimento acessível a todas as crianças, pelo constante trabalho de esclarecimento popular das vantagens de seu uso, pela melhoria progressiva de sua distribuição aos bairros mais pobres e populosos, e pela possibilidade econômica de sua aquisição, é, sem qualquer dúvida, a maior obra de proteção e assistência que se poderá dar à nossa infância. nessa fase primária de uma campanha que pretende muito pouco, porque menos do que isso só existe o nada:— impedir que a criança morra prematuramente.

---

Com a soma de felicidade que se perde neste mundo poderiam ser felizes muitos desgraçados.



# CRIAÇÃO DE COELHOS

## ALIMENTAÇÃO

Uma criação de coelhos em grande escala, precisa ter alimentação racional e metodizada. Entretanto, uma pequena criação de quintal, pode aproveitar os restos da cozinha, algum farelo ou fubá e restos da horta, etc.

A alimentação dos coelhos deve constar de duas partes a saber:

1) VERDURAS: de preferência de plantas da família das Leguminosas como Alfafa, Guando, Soja, Feijões e Favas apesar de os coelhos apreciarem muitas outras plantas como Assa-peixe, Goiaba, Araçá, Píção, Gramas, Capim Angóla, Laranjeira, Abacateiro, Folhas de Banana e tôdas as horfaliças.

Entretanto as leguminosas são mais ricas em proteínas e saes minerais, do que quaisquer outras plantas, sendo portanto de maior proveito para os períodos de gestação e lactação das coelhas e crescimento dos lâparos.

Não se devem experimentar tôdas as plantas selvagens desconhecidas, porque algumas podem ser venenosas.

2) FARELOS: Os farelos tais como o Farelo grosso de trigo, o Farelinho, o Fubá, o Farelo de arroz, o Farelo de Soja, Refinazil, são necessários para completar as necessidades orgânicas dos coelhos. A mistura usada para as galinhas, serve aos coelhos. Entretanto, será melhor uma mistura especial como a que se segue:

Fubá	60%
Farelo de trigo	15%
Farelinho de trigo	15%
Refinazil ou Farelo de Soja	10%
Sal	1/2%

Para coelhos adultos ou coelhas que não estejam criando, não é indispensável essa mistura. Basta um pouco de fubá com farelo, ou mesmo fuba só, contanto que as verduras sejam leguminosas.

Modo de distribuir a ração: A ração será distribuída duas vezes por dia, pela manhã e à tarde, sendo que à tarde deve ser mais farta, visto que os coelhos tem hábitos noturnos, mais do que diurnos.

De manhã, um mólho de verduras cortadas de véspera e postas a murchar na sombra, até a hora de distribuir e umas trinta gramas de farelo para cada coelho.

À tarde, outro mólho de verduras e umas 60 gramas de farelos.

A verdura é posta em mangedouras ou grades de arame e o farelo, em comedouros ou caixetas de madeira ou pratos de barro.

Além disto, é necessário pôr-se à disposição, permanentemente uma vasilha com água para beber.

L. R.

### Nutrição deficiente

A falta de recursos pecuniários é a causa principal da nutrição deficiente. A má nutrição, porém, é devida, sobretudo, à ignorância e à negligência. Os que têm meios gastam muito em carne, arroz, feijão, farinhas, batata, tempêros e doces e pouco em leite, legumes, verduras, ovos e frutas, que são alimentos de inestimável valor.

Aproveite bem o dinheiro destinado à aquisição de alimentos, reservando a maior parte para ovos, leite, legumes, verduras e frutas.

Transcrito do «Almanaque Saúde»  
S. N. E. S.

# Curso de Revisão para candidatos às Escolas de Agronomia e Veterinária

Estará funcionando, ainda este mês, na Universidade Rural, um Curso de Revisão destinado à preparação dos candidatos aos concursos de habilitação às Escolas de Agronomia e Veterinária. O curso funcionará até dezembro.

Os interessados deverão fazer seus pedidos de matrículas no serviço Escolar da Universidade e apresentar certificado de conclusão de qualquer curso do segundo ciclo do ensino médio, bem como prova de identidade, de idoneidade, de vacinação anti-variológica e de que está em dia com as obrigações militares.

A matrícula será limitada a oitenta alunos, devendo proceder-se a exame de seleção caso o número de candidatos ultrapasse aquele limite.

Os alunos matriculados terão alojamento gratuito, nas próprias dependências da Universidade Rural, no Km 47, da antiga estrada Rio-São Paulo, correndo por sua conta as despesas das refeições na base da custo da Cooperativa.

As inscrições estarão abertas durante dez dias após a publicação das Instruções aprovadas pelo Ministro da Agricultura, no «Diário Oficial».

Transcrito do «Diário» de Vitória

## As Velhas Árvores

*Olha estas velhas árvores — mais belas  
Do que as árvores moças, mais antigas,  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras das idades e das procelas...  
O homem, a fera e o inseto, à sombra  
delas,  
Vivem livres de fome e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E a alegria das aves tagarelas...  
Não choremos jamais a mocidade!  
Envelheçamos rindo! envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem.  
Na glória da alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consólo aos que pa-  
descem.*

Olavo Bilac



### EXPEDIENTE

“O CULTIVADOR” é um órgão de divulgação mensal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender às classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica de Santa Teresa.

São seus colaboradores os professores e funcionários desta Escola.

“O CULTIVADOR” aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de todas as pessoas interessadas no mágnio problema da produção.

Assinatura Anual — CR\$ 20,00.

#### CORRESPONDÊNCIA

Redação de “O CULTIVADOR”  
Escola Agrotécnica  
São João de Petrópolis  
Estado do Espírito Santo

# UNIFICAÇÃO DOS SERVIÇOS PÚBLICOS RURAIS

No Espírito Santo, podemos citar os seguintes serviços públicos que atuam no meio rural: Fomento Estadual, Fomento Federal, Defesa Sanitária Vegetal, Serviço Social Rural, ACARES, Ensino Primário e Secundário, Postos Estaduais de Saúde, Serviço de Endemias Rurais, SESP, DER, Polícia, Justiça, Escolas Agro-técnicas e Agrícola, Clero, Imprensa, Rádio-emissoras.

De um modo ou de outro, direta ou indiretamente, com maior ou menor influência, essas várias entidades atuam no meio rural. Geralmente falando, atuam independente e isoladamente, sem contáto nem entendimento entre si, apesar de ali, se destinarem ao bem estar da classe que vive no campo, assim como o fazem nos aglomerados urbanos. Não discutem seus planos nem seus resultados nas cidades, porque lá além de não ser meu campo de ação, os habitantes são quasi sempre melhor servidos por todas elas.

Esta afirmação parece contraditória, mas tem em parte sua confirmação, pois, mesmo os serviços de âmbito e interesse exclusivamente rural, tem suas sedes e seus maiores e mais acurados recursos, localizados nas cidades, onde muitas vezes problemática e penosamente, o rurícola tem de ir mendigá-los. É ainda contraditória, injusta e ingrata esta situação, porque a produção agrícola, é a maior e mais opulenta fonte de riqueza e bem estar do Estado e essa opulência e esse bem estar, emigram do campo e ficam morando na cidade!

Os poderes e entidades públicas reconhecem essa origem rural da opulência que mora na cidade e por isto, pregam o aumento e a intensificação da produção agrícola, mas, poucos deles visam mais caridosamente a pessoa humana do rurícola, criador por excelência dessa produção. Isto lembra-me o chiste popular: "Não querem saber se a mula manca; querem é rosetar"! O remédio para isto, seria em parte, tais poderes e entidades virem para o campo,

despidos de suas insígnias e valimentos, tão impessoais e insensíveis, revestirem-se espiritualmente das características rurais, da sua rudimentar indumentária e sentirem as intempéries, a frugalidade, o bucolismo e as necessidades do lavrador e de sua família, tudo isto na sua própria carne, no seu próprio espírito, para depois, deliberarem sobre o que fazer.

Este entretanto, é o rumo que não quero dar ao meu comentário.

O meu intuito é focalizar a multiplicidade e polimorfismo de tantos poderes e entidades, que quando agem, agem independentes, isolados, muitas vezes em paralelo, em duplicidade em competição, em conflito, sem consonância, em desacôrdo, cruzando-se nas estradas, destruindo-se, não se completando e criando até, não raro, um cipoal intrincado, que o agricultor tem de romper para viver, quando todos se destinam a beneficiá-lo e facilitar-lhe a árdua tarefa.

O que conseguem realizar assim, é com os mais tremendos e indiscrimináveis desgastes, desperdícios e extravios.

Imagino a força e a eficiência desses serviços, se fossem sãbiamente unidos, conjugados, sincronizados e humanizados, cada um na sua função, suprimindo as fraquezas recíprocas, todos com os mesmos objetivos.

Imagino a economia de tempo, dinheiro, de espaço e de trabalho.

Imagino o acúmulo de prosperidade, de abundância, de conforto e de alegria criados no meio rural, irradiado e compartilhado pelo meio urbano.

Este sonho é realizável. As nações e os povos prósperos, devem estar realizando-o.

Deve começar humanizadamente por entendimentos de cúpula, em mesa redonda.

Descer para os técnicos para planejamento. Descer mais para os executores para estudo, esclarecimento e experimentos. Subir de novo à cúpula para aprovação, ordens, autorizações.

Reforça-se com novas reuniões, congressos ou mesas redondas, onde se retoca, se altera, se recompõe e se impõe construtivamente, até à perfeição.

Esta não é idéia minha. É o resultado de um exame de consciência coletivo feito e observado recentemente, na Semana de Líderes Rurais de Rive. É até, matéria de uma de suas sábias recomendações.

# A Igreja ajuda o Homem do Campo

## Semana de Líderes Rurais de Rive

Não desfazendo do S. S. R., do Governo do Estado, da ACARES, do S. I. A. e da FARES, que organizaram e financiaram àquele conclave, queremos aqui ressaltar, como sempre o fazemos com o título acima, a idealização, o apêlo, o prestígio e o esforço do cléro Espírito Santense, na pessoa do Exmo. Sr. D. João Batista da Mota e Albuquerque, DD. Arcebispo do Espírito Santo para o êxito do certame.

Neste sentido podemos afirmar que S. Ex. fundou uma nova éra no Espírito Santo. Já para nossa última Semana do Lavrador, realizada o ano passado, S. Ex. anunciou e cumpriu sua permanência na Escola Agrotécnica de Santa Teresa, durante todo aquele certame, prestigiando nossos trabalhos e estimulando com sua personalidade impressionante e com sua palavra fervorosa os lavradores presentes, de todos os credos.

Repetiu a mesma atitude em Rive, ali acompanhado de quasi todos os vigários do Espírito Santo, dando assim um atestado de sua firmeza e seu discernimento, no inquérito que pessoalmente vem fazendo, das condições humanas da nossa classe rural e de como deve o cléro agir, para ampará-la na sua elevação até um nível de vida mais digno.

Somando com isso, as suas constantes peregrinações pastorais pela interlândia capixaba, assim como o permanente contácto com o governo e os técnicos do assunto na séde do Arcebispo em Vitória, podemos a-

firmar que S. Ex. é um «Pastor eminentemente ruralista».

Como sempre afirmamos que uma palavra do sacerdote, vale mais do que um mês de pregação do técnico, podemos reafirmar a esperança de dias melhores para o lavrador capixaba.

## Seminário Agrícola em MINAS

D. José Maria Pires, Bispo de Arassuaí, está fundando um Seminário Agrícola, em uma fazenda de 200 hectares, de propriedade da diocese, com o fim de familiarizar os futuros sacerdotes, com os problemas e as técnicas da agricultura. Iniciativa que merece calorosos aplausos, semelhante, aliás, ao que está realizando o Arcebispo do Espírito Santo em Campo Grande, proximidades de Vitória.

Além disto, aquele Bispo, após a missa das 18 horas, reúne os fiéis nas próprias igrejas da sua diocese, para assistirem palestras feitas pelos técnicos da ACAR.

Tal tem sido o interesse da população, que êle resolveu promover em Julho próximo, a 1ª Semana Ruralista de Arassuaí, em colaboração com o S.S.R. o S. I. A. e D. N. P. V.

Antes de ensinar a um analfabeto as letras primárias, você deverá alertá-lo fraternalmente sobre os males da ignorância. Procedendo de tal sorte, colaborando com a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.

Não falta quem se ria dos prudentes, até o dia em que chore por nunca os ter imitado.

RENATO KEHL

## ESCOLAS AGRICOLAS São para Jovens Rurais ou Urbanos?

Cresce de ano para ano, dia para dia, a reclamação justíssima dos lavradores, de que as escolas agrícolas são inacessíveis aos seus filhos e estão sendo invadidas pelos jovens das cidades, apesar de hoje, as cidades dispõem de abundantes e variados recursos educacionais, enquanto a juventude rural, é mal aquinhoadá. Realmente no Espírito Santo, como em todo o Brasil, é o que acontece.

A dificuldade de acesso dos jovens lavradores às escolas agrícolas, é verdade lamentável.

Isto porque o ensino primário rural, só vai até o 3.º ano e na maior parte é ministrado por cooperadoras do ensino ou professoras de concurso, quasi sempre bem intencionadas, porém deficientes, pois, elas mesmas, não possuem além do 3.º ou 4.º ano primário. Assim sendo, são incapazes de preparar candidatos aos exames de admissão, porta de ingresso nas atuais escolas agrícolas.

As matérias desses exames, são o português e a matemática do quinto ano ou no mínimo do quarto ano bem ministrado. Além disso, o candidato aprovado, precisa ter noções suficientes de história, geografia e ciências, para suportar a primeira série da Escola agrícola.

O preparo desses candidatos pela própria escola agrícola, é dispendioso demais e os encargos que ela tem com o curso médio, já são por demais pesados para possibilitar novos.

Como as escolas primárias urbanas são muito melhores, os candidatos urbanos vencem galhardamente nos exames de admissão e os filhos de lavradores, saem vencidos.

Não temos propriamente uma discriminação de origem dos candidatos. Em igualdade de condições, damos preferência absoluta aos lavradores.

Nós, diretor e professores, que somos sinceramente ruralistas (nem poderia ser diferente!), sentimos isto, tanto ou mais que os próprios pais. Mais porque, como qualquer outro indivíduo que trabalha, queremos ver o fruto ópimo e sazonado do nosso esforço, que é o Técnico formado por nós e prestando depois, seus serviços à agricultura e os «urbanos» raramente ficam «sazonados».

Na sua maioria, querem somente explorar a Escola agrícola como um ginásio gratuito e como escada, durante um, dois ou três anos, para voltarem depois, à cidade,

para empregos públicos ou comerciais.

Sentimos também porque, além do direito incontestável à escola agrícola, os filhos de lavradores são mais dóctis, obedientes e adaptáveis ao regime de internato, de estudo e trabalho de campo, enquanto os urbanos que nos aparecem, são na maioria, menino problema para seus pais, ou não se adaptam à vida rural, criando assim para o estabelecimento, as maiores complicações.

Não somos culpados dessa situação, nem tampouco os nossos superiores hierárquicos. Os currículos e programas dos exames e dos cursos, são estabelecidos por lei, o Decreto-Lei 9.613, de 20/8/46, «Lei Orgânica do Ensino Agrícola» e as leis, não podem ser alteradas a nosso bel prazer, mesmo que haja como neste caso, razões as mais justas.

Há vários meios para sanar este mal. Um deles, é alterar a lei.

Outro seria a adaptação de uma das escolas agrícolas para o preparo dos candidatos rurais, apesar do custo elevado já citado. Outro ainda, seria o Estado seleccionar, recrutar e preparar em estabelecimento próprio, os candidatos rurais, como aliás, já faz o Estado do Rio. Outro finalmente seria, os pais ou responsáveis, fazerem o sacrifício de submeter os seus candidatos a um bom curso de admissão, mesmo pago e dispendioso, tendo em vista que será um sacrifício bem recompensado, com 7 ou 8 anos de ensino profissional, inteiramente gratuito nas escolas agrícolas. É isto o que já se faz com os candidatos às escolas técnicas, cujo critério de seleção para as vagas existentes, é muito mais rigoroso e ninguém reclama.

São entretanto, soluções de cupula ou estranhas à nossa autoridade.

Seria para nós, intromissão indébita. Fizemos já, varias vezes, tais informações aos nossos superiores, mas, eles também tem de respeitar a lei.

Eis aí a verdade.

L. R.

### Ótima oportunidade de Negócio

Vende-se uma propriedade com 2 colônias, tendo 2 casas de moradia, matas, plantação de café e bastante pastarias, situada na rodovia Colatina a Vitória, entre Santa Teresa e Patrimônio de Santo Antonio, à 3 km. desta última localidade.

Preço e condições tratar com Victorino Sias ou Luiz Corona Gatt, no local.

Um povo sem instrução é comunidade social sujeita aos caprichos dos aventureiros. Ajude a livrar o Brasil do analfabetismo